

PORTO ALEGRE, 29 DE MAIO DE 1881

REVISTA LITTERARIA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA, CRITICA E INSTRUCTIVA

CHEFE DA REDACÇÃO: AURELIO DE BITTENCOURT

COLLABORAÇÃO DE DIVERSOS

Anno I

ASSIGNATURA

Num. 17

PARA A CAPITAL: Semestre 5\$000—PARA FÓRA DA CAPITAL: Anno 10\$000.

A RUSSIA E A REVOLUÇÃO

I

Logo que se completou a emancipação dos servos, as classes esclarecidas e poderosas chegaram, no vasto imperio moscovita, não a aspirar, como outr'ora a uma liberdade ideal, mas a exigir e querel-a em nome do seu direito.

Ao periodo dos livros, dos canticos, das trilhadas, o periodo litterario e da propaganda, succedeu o periodo da acção.

O partido dos apóstolos, flagellado pela perseguição imperial, converteu-se em partido de lutadores e de revolucionarios, que pugnávam pela emancipação da sua palavra e da sua penna, como o servo pela emancipação da sua raça, e que sujejavão pela conquista do seu direito como o servo pela posse do seu solo explorado.

A proscricção systematica, as deportações para a Siberia, a confiscação dos bens e o exilio da patria, apesar das suas crueldades, não desviavam a vontade dos proselytos d'esta doutrina de justiça, que no estrangeiro mesmo fazião soar o grito da revolta e chegar a toda a Russia o echo dos seus gritos revolucionarios.

Chegou a ultima guerra do Oriente e com elle a grande agitação politica.

Em vez de produzir tamanha empreza a crueldade dos orthodoxos, a rehabilitação da lenda bulavista, o dominio de Constantinopla para os turcos e o triumpho da igreja grega sobre o mahometano tartaro dos descendentes de Othman, originou uma guerra verdadeiramente revolucionaria, de propaganda liberal, em vista da qual as convocação constituintes, como na França livre e na America livre, se promulgarão direitos

fundamentaes e povos de origem slava e de condição triste, como os bulgaros, os servios e os montenegrinos, tiverão constituições politicas, consagrando todas as liberdades inspiradas pelas revoluções modernas á humana consciencia e inscriptas na legislação universal.

E os revolucionarios comprehenderão que se a guerra da Criméa fôra a emancipação dos servos, a guerra da Bulgaria devia ser a emancipação dos russos.

E ao entusiasmo d'esta idéa empenhou-se tremenda lucta entre o imperador e o povo.

O desenlace foi a desgraçada catastrophe de 13 de Março.

Depois das tentativas, que devião fazer saltar o caminho de ferro de Moscow e o palacio de Inverno, o furor revolucionario da Russia parecia serenado.

O imperador frequentemente recolhido na Livadia, deixára a iniciativa do governo e os encargos do estado á direcção esclarecida de Loris Melikoff, que pela sua prudente administração procurava fazer cicatrizar as antigas feridas e tranquilisar os animos excitados.

Neste estado de cousas conseguira-se colher muitos dos fios mysteriosos das conjurações, e até descobrir o thesouro secreto da revolução, que subia a somma avultada.

Fallou-se então em uma mina aberta no caminho de ferro e em uma machina encontrada em um navio inglez, quando o imperador viajava nas costas do seu imperio, mas a frequencia de taes boates ja não preocupava o espirito publico. convencido, nos ultimos dias, de que havendo-se concentrado n'outra cabeça a politica dos czares, sobre ella e não sobre a do triste Alexandre II, quasi demissionario, cahiria fulminante o raio da colera revolucionaria.

Depois vierão os tristes presagios.

Nos principios de Março o astuto chefe da policia de Paris soube que se trocavão correspondencias mysteriosas entre os emigrados de Genebra e os de Londres, os periodicos allemães publicavão telegrammas obscuros, parecendo verdadeiros hieroglyphos, a redacção da *Revue nouvelle*, dirigida pela illustre madame Adam, vio entrar nos seus escriptorios um desconhecido, que annunciou proximos acontecimentos graves e o proprio imperador recebeu cartas anonymas prevenindo-o para que não sahisse do palacio no domingo 13 de Março, porque morreria inevitavelmente.

Apezar de lhe haverem mandado dias antes, sob pretexto de pastilhas para a asthma, fulminantes para matal-o, as prevenções tinham tanta vez sido mallogradas, que o espirito do czar se acostumára a não acreditar-as como se habituão os corpos ás doenças chronicas.

Oh! não andão os antigos historiadores mal avisados, em dizer que no mundo interior como no mundo exterior, por causa das estreitas relações entre a sociedade e a natureza e entre o universo e a historia, se notão presagios, aos quaes não presta devida attenção e estudo a nossa indifferença, infelizmente muito propensa a crêr que não existe o que não conhece, quando até pelos póros nos penetra insensivelmente a luz etherea do astro distante que se não fixou na nossa retina e a scintilla electrica da nuvem rugidora que não resoou aos nossos ouvidos.

Apezar de não ter visto ainda S. Petersburgo, supponho, imagino bem, na minha phantasia, recordando as innumeraveis noticias que tenho lido—o que é essa cidade, fundada pelo poder de um czar, com o mesmo empenho com que se funda um edificio, no meio de pantanos insalubres, nas margens do Neva, que parece a maior parte do anno, um rio de crystal.

S. Petersburgo surgio das mais despoticas imposições czarinas, que obrigavão cada nobre, possuidor de 37 cabanas de servos, a fazer construir um edificio, cujos planos se davão, cidade de pretorianos, cidade de guerra e de conquista, collocada a 600 kilometros da antiga capital e levantada no occidente e sobre os mares glaciaes, para que podesse lançar-se, com uma declaração de guerra, sobre a Polónia, Lithuania, Finlandia, se quizesse ter fronteiras e terras á sua espalda, pelo que, não obstante a sua fórma *coquette* de leque, parece com as suas ruas regulares e estrategicas,

com as suas perspectivas inatacaveis, com a sua cidadella altiva, junto ás torres asiaticas e aos zimbórios aureos das suas cathedraes orthodoxas, parece um alojamento militar, todo occupado por um exercito, em cuja cabeça se encontra um imperador, que tem ao mesmo tempo muito de general e muito de pontifice, para subjugar as vontades e as consciencias e estender-se pela terra e pelo mar e erguer-se até ao céu, como uma immensa sombra, nascida da alma negra e terrivel de um tyranno, ensoberbecido e divinizado no seu throno, cujo docel se dilata, triste como um sudario, sobre grande parte do planeta.

N'uma das praças mais regulares de S. Petersburgo, em frente do theatro Michel, perto daquelles innumeraveis canaes que derivão do Neva, achavão-se varios grupos, no momento em que o imperador regressava ao palacio de Inverno acompanhado por um só ajudante de campo, cercado pela sua escolta de cossacos, que revolteavão o redor do coche imperial como um bando sinistro de corvos famintos.

Tenho a certeza de que qualquer observação vulgar, capaz de seguir os grupos naquelle theatro de uma proxima tragedia, leria na sua inquietação, na sua impaciencia, nos olhares febris, na vaguear errante, nos estremecimentos, em todas as manifestações espontaneas, que nem a vontade, nem a consciencia podem dominar, leria em tudo isto o segredo de uma conspiração extraordinaria.

Onde estava aquella afamada policia russa tão conhecida no mundo pela sua intelligencia e adivinhar e pela sua promptidão no proceder?

Onde estavam aquelles espiões que sentião voar uma mosca nos ares e o amanhecer de um pensamento nas consciencias?

Como, pois, podem abrir-se minas, sob os caminhos de ferro, estender tubos com dynamite por baixo das casas, reunir-se uma duzia de assassinos inquietos, nos lugares publicos, sem que a policia moscovita, numerosa como um exercito, implacavel como uma fatalidade, investigadora como a inquisição, alcance nem um vestigio das maquinações ruidosas, em que entrão rapazes inexperientes, impacientes, desejosos de revelar os seus segredos e de fazer realçar o heroismo?

A desaparição de certas especies demonstra como a terra passa de um periodo a outro periodo no seu desenvolvimento natural; e a desaparição dos espiões prova como a sociedade russa

do cada vez mais incompatível com o absoluto e cada vez mais necessitada de liberdade.

EMILIO CASTELLAR.

DESEJO EXCENTRICO



E' uma douda criação aquella
Por quem as noites passo delirando,
E a quem vejo á tardinha na janella
Melancolicamente os céos fitando!

Ha na sua cabeça delicada
Um não sei qué d'ethereo e d'ideal,
Mysto de luz, de amor e d'alvorada
E o perfume de um ser angelical.

Na dorida expressão dos seus scismares
Transparece sua alma en'anguecida;
No fogo abrasador dos seus olhares
Carbonisar quizera a minha vida!

SILVINO VIDAL.

Grande—1879.

NO ALTO MAR



Eu vinha em viagem do Brazil n'um vapor da
companhia das *Messageries Maritimes*, o *Niger*,
um navio grande, enorme, que trazia a bordo
quatrocentos passageiros de todas as nações e
classes sociaes.

No tombadilho, debaixo de um toldo de lona
que resguardava do sol, accomodavão-se em ca-
madas, bancos e espreguiçadeiras compridas,
muitos passageiros de ré,—senhoras, cavalheiros
e crianças;—uns em grupo contando anedoctas,
outros discutindo em politica, outros jogando o do-
mino, as damas ou o loto;—do outro lado alguns
cantavam versos ou cantavão em francez *couplets*
de operas conhecidas; fazião critica, lião roman-
ços, algumas senhoras bordavão, fazião *crochet*,
outros no regaço albuns de gravuras;—as crian-
ças corrião alegres, brincando, como se fosse
num jardim.

Os velhos entregavão-se á leitura de jornaes

políticos, e alguns, ainda, passeavão de braço da-
do com as senhoras.

O navio, na sua marcha regular, com as vel-
las desfraldadas ao vento sudoeste, deslisava pe-
las aguas placidas do oceano, debaixo do sol ar-
dente dos tropicos, n'uma tarde abrazadora.

Erão duas horas.

No mar que se estendia á nossa vista seme-
lhando um espelho longo, immenso, a findar no
horisonte, não se avistava uma vella sequer para
animar o viajante na monotonia estúpida que se
apodera do espirito n'essas horas interminaveis da
vida!

Procurão-se as distracções, e essas mesmas
aborrecem-se;—faltão as sensações, que são a al-
ma do espirito e a vitalidade necessaria de cara-
cteres impressionaveis.

Havia ja tres dias que tinhamos sahido do Rio
de Janeiro em direitura para Lisboa; navegava-
mos alli pela altura de Maceió, n'um mar de ro-
sas e vento de feição.

As pessoas que enjoarão no primeiro e segun-
do dia ja ião apparecendo na tolda, mais anima-
das, cheias de si e dispostas a irem á mesa, por-
que se julgavão melhores, muito melhores.

A's cinco horas a sineta deu signal, chaman-
do os passageiros ao jantar;—as creanças com as
aias forão para a mesa de 2.^a, e o resto dos pas-
sageiros de ré tomarão os seus lugares nas duas
longas mesas que se estendem na magnifica sala
de jantar da primeira classe.

Ao meu lado ficava uma senhora ingleza que
teria uns 22 annos, porque apresentava a phisio-
nomia joven d'essa idade adolescente.

Era bonita, immensamente delicada e dis-
tincta.

Fallava o portuguez com pequenos defeitos
brazileiros, mas livre d'aquella accentuação bri-
tannica que os inglezes dão ao nosso idioma.

Parecia ser alegre e expansiva, mas havia uma
tristeza intima que a magoava.

Differente de quasi todas as suas patricias, es-
ta mulher diligenciava ser agradavel, conversan-
do animadamente com um ou com outro.

Desde o primeiro dia que me impressionou a
belleza peregrina d'esta filha de Albion.

Não a via senão ao jantar e retirava-se sem-
pre antes de servirem o café.

N'aquelle dia, quando estavamos á sobreme-
sa; vierão-n'a chamar á pressa.

Ella levantou-se n'uma precipitação louca e
foi a correr atraz da moça que a viera chamar.

— Tem um filhinho muito doente, disserão alli. Foi até uma imprudencia deixarem embarcar uma senhora sósinha com um filho n'aquelle estado.

Quando acabamos de jantar fui procural-a ao camarote.

Não se imagina o quadro doloroso que presenciiei:—O filho era uma creancinha de 6 annos incompletos; estava deitado no beliche com os olhos muito abertos fixos na mãe, que, afflicta, cheia de lagrimas, pedia a Deus que dêsse vida a seu caro filhinho, que estava expirando.

A creancinha nem ja fallava, o olhar tresvariado indicava os paroxismos da morte; a mãe soluçando implorava a misericordia divina para o seu coração, que iria soffrer o maior dos golpes.

O medico de bordo, um rapaz de bigode louro e olhos azues, assistia impassivel áquella scena triste; e algumas senhoras, condoidas da pobre creatura, procuravão animal-a e affastal-a do filho que, ainda no ultimo instante de vida, não despregava da mãe aquelle olhar fixo, ja na ultima expressão da morte.

Este quadro dolorosissimo durou uns vinte minutos; o commandante estava alli proximo, conversando com outros individuos, muito commovido; depois ouvio-se um grito afflictivo, horrivel!—Os labios do doentinho contrahirão-se n'uma convulsão rapida, a mãe agarrou se a elle, perdida, louca, levantou-o nos braços; quiz novamente gritar e não pode; as lagrimas embargarão-lhe a voz.

A creança ja estava fria.

.....

Ás sete horas da manhã do dia seguinte o vento tinha virado ao nordeste e o mar encapelava-se á prôa n'um bramido medonho, obrigando o navio a grandes balanços.

O oceano abria-se em abysmos; — as ondas, immensas e terriveis, vinhão quebrar-se á prôa alagando todo o convez!

Os passageiros, assustados, não sahião dos camarotes.

As senhoras encommendayão se a Deus, aterrorisadas.

A marinagem, dirigida pelo contra-mestre, obedecia aos signaes de apito do commandante que mandava enrolar as vellas e descer as vergas, preparando-se contra a tempestade.

Era terrivel o aspecto do oceano; mas ao longe, la muito ao longe, uma nuvem branca, seme-

lhando uma aza de pomba, deu signal de bonança.

O vento ia a virar, e, quando erão 9 horas, o mar tornára-se brando.

O perigo desaparecêra.

Os raios limpos do sol brilharão com um resplendor immenso nas aguas turvas do oceano!

Ás dez horas fomos almoçar, e o lugar que ficava á minha direita estava devoluto.

A mãe, aquella pobre mãe que perdêra o filho, assistia immersa em profundo desgosto; vendo amortalar o cadaver n'um pedaço de lençol para ser lançado ao rio.

A desgraçada ja nem chorava; tinha perdido o ente mais estremecido, — unico filho que adorava, e ia vêl-o deitar ao mar!.. Coitada!...

Os passageiros, depois do almoço, reunirão-se á pôpa; dous marinheiros trouxerão o cadaver sobre uma taboa e deposerão-n'o junto á amurada do navio.

Veio o commandante com o primeiro e segundo official, abriu um livro, e leo em francez uma oração funebre; os marinheiros deixaram cahir o corpo da creancinha morta, que immediatamente se submergiu nos abysmos do oceano.

Quando a pobre mãe vio desaparecer o filhinho, cahio desfallecida nos braços d'uma amiga, e eu senti uma lagrima deslizar-me na face porque comprehendí a dor immensa d'aquelle coração materno!

HENRIQUE D'ALMEIDA.

CREPUSCULO NO CAMPO

(QUADRO)

A tarde é de Setembro: as flores são do outono
Repeusa a natureza em placido abandono!

Na amplidão azul-etherea as nuvens pardacentas
Vão como aereas fadas vagando somnolentas!

Na verde cumiada do ingreme serrote
Muge plangentemente o nutrido garrote!

O sol amortecido que desce no occidente
De la á terra envia um beijo ainda quente!

Um som triste vibrado do alvo campanário
Resoa pelos valles seu echo mortuario!...

Na escavada ladeira que corta aquelle outeiro
Cantando vem descendo saudoso o pegureiro!

Por entre os cannaviaes sussurra languemente
O vento brando e fresco em sibilar gemente!

De crystallina fonte vem morena serrana
Co'o púcaro ao hombro caminho da choupana.

No ermo das boscagens se aninhão os passarinhos,
No hervoso da collina saltitão os cordirinhos!

Nas moitas verde-escuras que assombreão o rio
Se ouve o silvo tetrico do cascavel bravio!

Ha por todo esse campo suave amenidade,
Em que o coração só falla da saudade!
E' a hora do crepusculo!

E' a hora de tristeza!

Descança no silencio a fronte a natureza!

As auras que de longe perpassão pelos ares
Trazem-me os perfumes de meus saudosos lares!
—Estende a natureza o pardacento manto
Tão cheio de saudades! Tão cheio de quebranto!

Por entre os ramaes do monte o disco do luar
Vem com sua tibia luz a terra clarear!
O' hora de repouso!

Hora de melancolia!

Tu és a loura filha da morbida poesia!

Na verdejante campina
Saltita alegre... contente,
A camponeza menina
Aos raios do sol poente!

E á tarde — a loura sultana, —
Em devaneio sereno,
Vai banhar-se qual Suzana
Nas aguas de arroio ameno!

No prado desfallecidas
As lindas, selvagens flores

Pendem no hastil murchecidas
Do sol aos frouxos languores!

E nas azas dos perfumes
As virações da boscaagem,
Vão segredar seus queixumes
Aos rumorejos da folhagem!

O trovador do mato, — o sabiá plumoso, —
Modula nas florestas o seu threno saudoso!

Em monotona cantiga la descanta a cigarra,
E grita o bem-te-vi na moita da taquara!

O gado que pastava ha pouco no hervaçal
Ja desce da collina em busca do curral!

As brisas que doudejão nos verdes arvoredos,
Ao som da harpa eolia murmurão seus segredos!

Pelo matiz do prado douradas borboletas
Pousão de flor em flor aqui... ali inquietas.

Vem ali a cantar pelo relvoso atalho
O rustico camponio de volta do trabalho.

No rio que sereno deslisa tão subtil
Vem banhar-se as garças no seu leito de anil!

Da mata no cerrado o jurity plangente
Arrula seus queixumes carpindo tristemente!

Da terra as harmonias em flacido abraço
Em espiraes subtis se alão ao ethereo espaço!

Nest' hora eu sinto triste que não posso gozar
Lembranças da infancia, saudades do meu lar!
Ha nesta hora augusta tão grata inspiração,
Que leva-me ao passado, me falla ao coração!
Recordo-me dos tempos dos brincos da infancia,
Flores que hoje seccas não exhalão fragrancia!

Hora triste da tarde! Hora do pôr do sol,
Que paisagem deslumbrante nas cores do arrebol!
Oh! crepusculo da tarde!

Oh! filho da soidão,
És o poema sublime da santa criação!

RIBEIRO DA SILVA

OS OLHOS...



São o espelho d'alma.

Nego.

A imaginação illudio o poeta.

O espelho é sempre inanimado. — Não tem expressão.

Os olhos exprimem sempre alguma cousa.

De puro crystal de rocha ou de fino vidro de janella, revestido da grossa camada de aço ou engastado em rica moldura dourada, o espelho pode reproduzir todas as imagens que se lhe apresentem, todas as cores, todos os movimentos, mas no que toca simplesmente ás exterioridades.

A alma não é cousa visivel, palpavel. — Não tem formas conhecidas.

Logo, os olhos considerados seu espelho, nunca reflectirão fielmente suas qualidades, suas virtudes ou seus vicios.

A alma é um mysterio, impenetravel ás vezes, outras de facil comprehensão, segundo seu estado moral — agitado ou tranquillo, conforme as suas emoções, tristes ou alegres.

E os olhos não podem investigar esse mysterio desde que se inventou o fingimento por indole ou conveniencia.

Para que os olhos reflectissem as sensações d'alma, era preciso collocar-lh'as defronte. Ora, como isso é impossivel, segue-se que os olhos não são o espelho d'alma.

Os olhos, escravos das nossas vontades, obedecem ás ordens das nossas phantasias.

Dá-se-lhes o brilho da luz ou a espessura das trevas.

Exprimem sentimentos quando lhe queremos dar expansão, mudez quando os queremos abafar no coração, alegrias quando não necessitamos occultal-as, tristezas se desejamos que os outros as vejam.

Os olhos...

Dois traidores, dois mentirosos, dois sujeitos que sabem enganar até aos olhos mais perspicazes, se estão bem instruidos, travessos como as creanças mal creadas, como ellas susceptiveis, ora ás lagrimas, ora ao riso, segundo os caprichos ou veleidades infantis.

Os olhos...

Reunão-se todos os physiologistas do mundo.

Estudem-n'os e analysem.

Vão esforço.

Aquelle sombreado tenue em que se envolvem,

aquelle fluido magnetico que desprendem, aquella aureola broxuleante de que se rodeião, não tem descripção em prosa ou em verso.

Imagina se.

Os olhos.

Contemplai o olhar do genio, olhar de aguia, altivo, sobranceiro, querendo abranger e dominar a immensidade.

Podeis dizer delle tudo quanto vos parecer de bonito e de eloquente, porém nunca direis tudo, nunca direis a verdade.

Vede agora os olhos da mulher que ama, que tem na mente um ideal, no coração uma esperanza, na phantasia uma illusão.

Prestai-lhe attenção.

Desvendais acaso os mysterios em que se envolvem?

Aquelle olhar vibrante, fascinador, imperativo e severo, a scintillar chammas abrasadoras, magestoso e terno, luminoso e bello como os primeiros albores da madrugada, é um poema de sentimento, um thesouro de felicidades, um cantico divinal de suavissimas harmonias.

E' um livro de sonhos e illusões, que só o coração sabe ler, e a alma admirar.

Ninguem mais.

Os poetas e os prosadores ficão sempre aquem da realidade quando tentão decantar a força e a eloquencia de um olhar feminil, desses olhares que fulminão, que ora exprimem rancor e indignação, ora ternura e bondade.

Estava o genero humano bem aviado, os que começão a vida social por um olhar provocador, que os poetas chamão olhar de fogo, se os olhos fossem o espelho d'alma.

Incendio diario.

Ardia tudo em labaredas, com prejuizo das companhias de seguros e sacrificios dos pobres bombeiros.

A independencia e a liberdade dos olhos é uma garantia para os direitos e gosos da humanidade.

Essa natural faculdade, que todos possuimos, de dar aos olhos a expressão que nos convem, é uma completa segurança para nossas vontades e uma garantia de perfeita felicidade.

Ora se todos, mirando-nos os olhos, vissem, como em um espelho, o que nos passa no pensamento ou no coração, estavamos denunciados á policia a todo o momento ou obrigado a usar uma mascara, uns olhos postiços de vidros enfumaçados perante as pessoas que não fossem da nossa intimidade.

Por um lado seria muito bom e util porque não andaria tanta gente enganada.

Por outro seria muito mau, porque não poderíamos nunca em presença de nosso futuro sogro ou sogra enviar um olhar mensageiro dos nossos sentimentos áquella a quem o nosso coração tivesse aspirações e muito menos receber em cheio sobre os olhos a luz de uns olhares animadores, significativos, desses olhares que eu não sei explicar, porém que são conhecidos de quantos possuem affeições intimas, amizades e esperanças.

Os olhos...

Os olhos são o livro d'alma.

Só o coração o sabe ler, a alma admirar.

BARÃO DE ROUSSADO.

MENINA E MOÇA



Uma tarde eu passei — brincava ella,
Soltas as tranças, a correr em ancia,
E ria, essa louquinha... Era tão bella,
Beijando e acalentando uma boneca,
Seus amores de infancia!

O' doce primavera, ó santa idade
De encantos, de pureza e graça aquella!
E eu fallei-lhe a linguagem d'amisade,
E a louquinha me disse rindo: — olhe,
Quer ser padrinho della?

Mais tarde... ja nas redes do Hymineu
Fui encontral-a moça — um lindo anjinho
Amamentava... Vio-me, enrubescou...
Mas eu disse sorrindo: — da boneca
Quer que eu seja o padrinho?

G. A

A MULHER

Primeiramente colloca-se diante de nós este ponto de interrogação: o que vem a ser uma mulher?!

Pergunta muito delicada e muito importante, porque tudo o mais depende della.

Vejam os se o passado nos ajuda na nossa definição.

A Biblia mostra-nos Eva formada de uma parte do corpo de Adão, isto quer dizer que a mulher é apenas o anexo do homem.

Por isso Bossuet a definiu: uma costella complementar.

Entre os povos selvagens a mulher carrega com os fardos, com as armas e faz todos os trabalhos rudes; isto é: é a criada do homem.

Na idade media vê-se um concilio levantar esta questão: A mulher tem alma?

Abramos os philosophos, os poetas; uns dizem: A mulher é um anjo! os outros: A mulher é um demónio.

Tem talvez razão todos, mas isto não facilita a definição.

No seculo XVIII Montesquieu diz no „Espirito das leis“:

« A natureza, que distinguio os homens pela força e pela razão, não lhes concedeu senão essa força e essa razão.

« Deu ás mulheres attractivos e quiz que o seu ascendente se limitasse a esses attractivos.»

Eis uma sentença bem grave sabindo de uma tal boca.

Porque, passando as mulheres tres quartas partes da sua vida sem ter ainda esses attractivos ou ja os não tendo, o seu papel resume-se em duas palavras: esperar e lastimar.

Rousseau, apezar do seu espiritualismo, vai mais longe ainda:

« A mulher, diz elle, foi feita especialmente, para agradar ao homem.

« Se o homem deve agradar-lhe, é isso de uma necessidade menos directa; agrada simplesmente porque é forte. »

E os que não são fortes não agradão nunca?

.....

Logo ao começo encontro uma difficuldade. Ha cinco ou seis annos algumas mulheres introduzirão no exame da questão um argumento „ad hominem“, que serve apenas para complicar o problema.

Neste tempo de revolver e de vitriolo que corre, não se trata somente de arrancar as mulheres aos homens, mas de arrancar os homens ás mulheres!

Pego-lhes portanto licença para conduzir o meu raciocinio para um outro ponto e para reclamar uma lei contra a seducção, não em nome das mulheres que matão, mas em nome das mulheres que morrem.

Se nos dissessem que ha um paiz onde a cas-

